

SÉRIE VAGA-LUME: UM ESTUDO DA RECEPÇÃO

Juliana Moura da Cruz¹
Larissa Warzocha Fernandes Cruvinel²

RESUMO:

Este artigo tem como prioridade analisar a recepção da literatura na escola pública de ensino, com leituras da coleção Série Vaga-Lume, criada nos anos 70, pela editora Ática. O trabalho também analisa a importância da leitura. Das obras da Série Vaga-Lume para o público jovem contemporâneo. E ainda poder estudar como ocorre a recepção desses livros para o público juvenil na escola pública e a relação de gosto pela leitura da Série Vaga-Lume 1972.

PALAVRAS CHAVES: Leitura, Recepção, Série Vaga-Lume, Literatura

ABSTRACT:

This article has as a priority to analyze the reception of the literature in the school public, with reading of the collection Série Vaga-Lume, created publisher Ática in the 70's. this work of the Série Vaga-Lume to reach in the perception in the contemporary young reader. And it can study how it happens the reception the books to public youthful in the public school and the relationship with the pieces of work presents in the Série Vaga-Lume 1972.

KEY-WORDS: Learn, Reception, Série Vaga-Lume, Literature

1 Introdução

O projeto intitulado “Série Vaga-Lume: um estudo da recepção” está voltado para a formação do jovem leitor e apresenta o intuito de refletir sobre o incentivo à leitura no âmbito da rede pública de ensino. Em um primeiro momento, foi feita a leitura das obras teóricas para entender melhor os estudos realizados no campo da recepção, bem como estudos voltados para a formação do leitor literário. Em seguida, realizou-se a leitura sistemática das obras publicadas na Série Vaga-Lume. Por fim, foi feito o estudo de campo em uma sala de aula do oitavo ano de um colégio público, do município de Itapuranga.

1.2 Desenvolvimento

Em *A Estética da Recepção* (1979), Hans Robert Jauss compreende a interpretação das obras literárias levando em conta a perspectiva do leitor. Dessa forma, a

¹ Acadêmica do Curso de LETRAS na Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Itapuranga. Aluna PIBIC modalidade AF 2010/2. juliana.m.oura@hotmail.com

² Professora Doutora do Curso de LETRAS da Universidade Federal de Goiás e orientadora do artigo. larissacruvinel@hotmail.com

leitura desempenha um papel ativo e envolve a construção do sentido e da comunicação de uma obra literária em cada momento histórico, tendo em vista as lacunas que serão preenchidas por cada leitor historicamente situado. E ainda, “coloca ao lado da teoria da recepção uma teoria do efeito estético, que conduz, a partir dos processos de transformação, a constituição do sentido pelo leitor” (JAUSS, 1979, p.53).

De acordo com Jauss, é necessária a constituição do sentido da obra literária pelo leitor, para assim ser feita a construção plurissignificativa do texto. Diante disso, os estudos voltados para o âmbito da hermenêutica literária apresentam como objetivo observar a relação entre o texto e a realidade histórica, tendo em vista a concretização da leitura por meio da figura do leitor. Segundo o teórico, há um processo de tensão entre o texto e as normas sociais de cada período histórico, e o leitor será elemento fundamental para colocar em movimento as possíveis leituras de uma obra literária, redimensionando seu significado. Dessa forma, o leitor historicamente situado concretiza as potencialidades da obra literária. É nesse sentido que o leitor, ao desbravar as páginas de um livro, descobrirá sentidos novos e poderá dar outros sentidos a um texto antigo, levando a um redimensionamento do estético.

Assim, há um processo em que o leitor se aproxima do texto e redescobre novos horizontes da arte literária que a ele é destinada, neste momento poder-se-ia dizer que houve diálogo entre texto e leitor. A arte literária não deve ser vista como algo de ser apreendida de forma passiva: “Sob condições da sociedade industrial, não consegue determinar a recepção: a recepção da arte não é apenas um consumo passivo, mas sim uma atividade estética, pendente da aprovação e da recusa.” (JAUSS, 1979, p.57).

A obra de arte apresenta uma densidade simbólica e proporciona diversas leituras, e não pode ser vista como um produto da sociedade industrial. Nesse sentido, a obra que foge das normas do mercado e apresenta a complexidade própria das verdadeiras obras de arte está aberta para ser constantemente revisitadas em cada novo período histórico, proporcionando leituras e abordagens diferenciadas. Contudo, a arte literária estará sujeita à aprovação ou não por parte dos leitores situados historicamente. Sônia Salomão Khéde, em *Personagens da Literatura Infanto-Juvenil* (1990), observa que a percepção e análise dos leitores sobre a obra literária se fazem principalmente por meio da identificação com a personagem. Como considera Candido (2003), as personagens são o principal vínculo afetivo do leitor com a obra e serão os responsáveis por sua adesão afetiva.

Quanto à literatura infantil, é necessário que não sejam obras empobrecidas e tidas como simplificadas, tendo em vista que é necessário atrair o jovem leitor e levá-lo a desenvolver o gosto pela leitura literária. Um viés muito explorado na literatura infantil é o fantástico que é possível criar uma narrativa plurissignificativa e que possua um significado para o leitor, sem precisar recorrer ao realismo e deixar os temas explícitos. Por isso o fantástico é um dos meios encontrado por escritores para trabalhar com alguns tipos de personagens e proibições, como a sexualidade, as conflituosas relações familiares, a necrofilia, entre outros temas considerados tabus quando se dirigem aos jovens leitores.

Assim, há vários autores brasileiros e estrangeiros que optam também por abordagens alegóricas, com o intento de ser possível realizar uma leitura mais superficial, mas também leituras mais complexas, dependendo da intimidade que o leitor tem com a literatura. De forma alegórica também é possível tratar temas difíceis e muito censurados quando se trata de literatura infantil, como a morte, o estupro, a solidão, a amargura, temas sociais etc. Essa postura dos escritores segue o padrão adotado pelos contos de fadas, como *Chapeuzinho Vermelho*, por exemplo, em que a alegoria é o meio utilizado para que temas difíceis sejam abordados de forma simbólica.

Como é feita a narração de diversos contos, como os retirados por Perrault da oralidade popular (Zilberman e Lajolo 1988), que “utiliza o confronto dualista entre bons e maus, feios e belos, fracos e fortes” (KHÉDE, 1990, p. 18). De acordo com Khéde, os personagens dos contos de fadas colocam em evidência as classes discriminadas e que se tornam “superiores pela inteligência”. Personagens como a *Gata Borralheira* que sofre por causa das humilhações, outra como *Cinderela*, também humilhada e depois consegue superar os obstáculos e vencer os desafios, alcançando um final feliz. Esses contos de fadas não possuem autoria, foram retirados da oralidade popular por escritores, como os irmãos Grimm e Perrault.

Cinderela, por exemplo, é um conto retirado da oralidade popular encontrado no livro *Contos de Grimm*. Nesse conto observa-se que a protagonista adota um comportamento exemplar. Isso é percebido já no começo da leitura, quando no conto a mãe de Cinderela, no leito da morte, lhe pede que adote um comportamento virtuoso e exemplar e que ela seja uma menina educada e humilde e respeite todas as pessoas.

Em hora alguma a personagem se distancia do último pedido feito pela mãe, incorporando as virtudes ligadas ao “bem”, que serão contrapostas à maldade da madrasta e

de suas duas filhas. A moça se mantém com o comportamento pedido pela mãe até o final quando se casa. Antes disso, sofre muito graças à madrasta e suas filhas, suas irmãs por consideração. Quando a moça se casa com o príncipe, as irmãs sofrem um castigo cruel, os olhos delas são furados por pombinhas, amigas de Cinderela, Penteadó (1999).

Nos contos de fadas, as personagens virtuosas são premiadas no desfecho e as más são punidas com algum tipo de castigo, deixando clara a moral das histórias, de que as pessoas devem ser boas e humildes. Cinderela é recompensada pelo bom comportamento, como por exemplo, com vestidos novos e sapato de cristal, que permitem que ela vá à festa e ainda encontre com um príncipe e se case com ele. Já as irmãs terminam a história humilhadas e castigadas, mostrando que não compensa ser mal.

Em *literatura Infantil Brasileira história e histórias*, Marisa Lajolo e Regina Zilberman consideram que as primeiras obras com autoria e a intenção de criar uma literatura especificamente destinada a este público, só apareceria na metade do século XVII, antes disso a leitura dos jovens estava voltada para as obras que existiam neste período, como os contos de fadas, os contos do classicismo francês; as *Fábulas* de La Fontaine, editadas entre 1968 e 1964, *As Aventuras de Telêmaco*, de Fenélon, lançadas em 1717, os Contos da Mamãe Gansa, em o original título era *Narrativas do tempo passado com moralidades*, publicadas por Charles Perrault em 1967:

Nas lamentações da ausência de material de leitura e de livros para infância brasileira, fica patente a concepção, bastante comum na época, da importância do hábito de ler para a formação do cidadão, formação que a curto, médio e longo prazo, era o papel que se esperava do sistema escolar que então se pretendia implantar e expandir. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988, p. 28.).

“Com essa ausência de um material destinado à leitura para o público infantil e juvenil, José Veríssimo expressa a importância de se ter um material literário brasileiro que expresse a virtude e a valorização dos elementos nacionais.” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988, p. 44). E assim os intelectuais da época, segundo Lajolo e Zilberman, resolveram solucionar o problema, criando obras novas destinadas ao público infantil e juvenil que promovessem o amor à pátria e outros temas que pudessem desenvolver o senso moral dos jovens.

Em *Literatura Infanto-juvenil: Arte ou Pedagogia da Moral*, Ferreira (1983) analisa os contos e as obras literárias de modo intrínseco, mostrando como se dá o convívio

em sociedade, deixando clara a importância na literatura infantil e juvenil da moral e do comportamento virtuoso. É o caso da jovem Camila, da obra *E Agora?*, da autora Odette de Barros Mott (1980), editora Brasiliense. A jovem se deixa levar pelo egoísmo em relação à família. Filha de pai português e mãe negra, Camila vai morar com uma professora e, com o tempo e os estudos, a menina percebe que existem alguns valores verdadeiros que devem ser encontrados no seio familiar.

Nesta obra, de acordo com Norma Ferreira, a personagem se auto conhece à medida que aprimora os seus conhecimentos e percebe que seu preconceito com a família era contrário ao que aprendeu convivendo com a professora. Assim, a menina passará por um processo educativo e vai rever seus preconceitos: “Ainda assim nota-se que os direitos humanos vão prevalecer sobre os preconceitos apresentados pela personagem Camila. Com relação ao seu racismo” (FERREIRA, 1983). Assim, há a intenção de passar um exemplo de virtude nos primórdios da literatura infantil e juvenil brasileira.

Assim, até a década de 70, fora o exemplo genial das obras de Monteiro Lobato, as obras voltadas para o jovem leitor apresentam a preocupação de formar moralmente o leitor, na esteira de como os contos de fadas apresentam um padrão exemplar a ser seguido. A união familiar é valorizada, assim como temas como amor à pátria, postura exemplar. Esses elementos podem ser percebidos na obra de Odette de Barros

Todas as normas são emitidas por valores culturais, morais, humanos __ Bem, Amor, Proteção, Segurança, Honestidade, Justiça __ preenchendo o projeto social vigente em detrimento de valores __ a busca da própria felicidade, de sua própria vida, de seus próprios erros e contradições. (FERREIRA, 1983, p. 124).

Dessa forma, observa-se que o padrão maniqueísta presente nos contos de fadas não se finda nas obras literárias voltadas para o jovem leitor. Os personagens malandros e espertalhões normalmente são castigados por seus maus comportamentos em algumas obras:

Desse modo, permeando todo este trabalho de “conscientização”, as narrativas trazem, em última instância, em grau mais ou menos nítido, uma ideologia maniqueísta do problema abordado: os vilões (classe dominante) são sempre maus, mentirosos, ambiciosos, desumanos, insensíveis, desonestos, enfim, portadores de todas as qualidades negativas; em oposição entre o bem e o mal, o Honesto e Desonesto, dicotomicamente separados, em tantas narrativas. (FERREIRA, 1983, p.61).

A Série Vaga-Lume é uma coleção da Editora Ática que surge na década de 70 e até hoje é lançada no mercado, com grande sucesso nas escolas. As obras da Série Vaga-Lume apresentam de forma recorrente estas características, pois são obras que de um modo geral apregoam que o mal não compensa, com o intuito de formar moralmente o leitor.

Em *Literatura Infantil na Escola*, Regina Zilberman aborda a questão da literatura nas escolas e o processo de leitura literária dos jovens leitores. Segundo a autora, há um forte viés do mercado editorial dedicado à produção da arte de consumo, a chamada literatura trivial no sentido de “cultura de massa”. Dentro desse contexto, poder-se-ia dizer que a Série Vaga-Lume, da editora Ática, aproxima-se desses paradigmas da literatura trivial, pois reúne obras que têm como objetivo não oferecer entraves na leitura, ser “leve” e agradável e levar em conta o gosto popular.

Assim, após a leitura *O Primeiro Amor e Outros Perigos*, 1996, do autor Marçal Aquino; *Açúcar Amargo*, 1987 e *Um Leão Em Família*, 1996 do autor Luiz Puntel; *A Ilha Perdida* 2009, de Maria José Dupré; *Pega Ladrão* 1988, de Luiz Galdino; *Sozinha no Mundo* 2003, do autor Marcos Rey, entre outros títulos publicados nessa coleção, observa-se que as obras publicadas na Série vão ao encontro do gosto do público jovem para serem aceitas e consumidas.

A Série Vaga-Lume reúne obras voltadas para a ação, como o romance policial, o romance de aventuras, e busca a adesão afetiva dos jovens leitores por meio de várias peripécias que conferem agilidade ao enredo. Assim, as obras da Série correspondem ao que Zilberman considera como literatura de entretenimento.

No entanto, seria ilusório confinar pura e simplesmente a literatura infantil ao terreno da arte literária. A existência do vínculo não impede que os livros para crianças circulem como cultura de massa, já que estão comprometidos com um sistema de divulgação e consumo característicos da indústria cultural. Em vista disso, eles passam, quando examinados em quantidade, pelos mesmos processos de produção o que se une grande parte da indústria cultural. (ZILBERMAN, 2003, p.193).

De acordo com Zilberman (2003), para agradar um vasto público, a indústria cultural aposta na circulação da literatura considerada como trivial para o público infantil. A Série Vaga-Lume, objeto de estudo deste trabalho, pode ser vista como literatura trivial ou de entretenimento, visto que não oferece entraves para a leitura e privilegia a fruição da leitura.

Juvenal Zanchetta Junior,³ sobre *Menino de Asas*⁴, uma das obra publicadas na coleção, considera que “trata-se de uma obra com verniz dramático, cheia de clichês e com linguagem que mistura um registro culto, às vezes castiço, e pedagogizante, com arroubos de coloquialidade um tanto deslocada.” (p.97).

As características apontadas pelo estudioso são recorrentes nas narrativas da Série Vaga-Lume como um todo e marcam o processo de escritura literária, principalmente das obras escritas sob encomenda da Editora Ática.

1.3 Metodologia

Para realizar o estudo de campo, visitamos algumas escolas públicas do Município de Itapuranga-Go, para observarmos como está sendo trabalhada a leitura literária em sala de aula. Como encontramos maior receptividade, tanto dos professores, coordenadores como do diretor, na escola José de Pereira de Faria, em conjunto com minha orientadora, resolvemos realizar a pesquisa nessa escola. Primeiramente, levamos o projeto para que o diretor, os coordenadores e os professores pudessem analisar os objetivos da pesquisa. Os responsáveis pela escola, depois de analisarem o projeto, aprovaram o interesse de nossa parte em trabalhar a recepção da literatura na escola.

Para delimitar o número de alunos que participariam do projeto e, assim, conseguir analisar de forma mais sistemáticas os dados, concordamos que seria melhor escolher os oitavos anos da escola campo. Sendo eles, 8º “A” e 8º “B”. Escolhemos essas turmas porque os alunos demonstraram mais interesse pela leitura das obras e também porque partimos da suposição de que turmas do oitavo ano já estariam mais acostumadas com a leitura literária e isso ajudaria na leitura e julgamentos das obras da Série Vaga-Lume.

Logo após ter escolhido as turmas, realizamos um trabalho de incentivo à leitura nas salas de aula, mostrando a relevância da leitura literária, apresentando a coleção Série Vaga-Lume, apresentando as obras e mostrando como a literatura juvenil busca captar o interesse do jovem leitor. Em seguida, distribuímos os livros da Série para a leitura. Assim, cerca de 100 obras, do acervo pessoal da orientadora desta pesquisa, foram disponibilizadas para os alunos. A estratégia adotada foi a escolha livre para que os alunos pudessem escolher

³ No ensaio “Leitura de narrativas juvenis na escola”

⁴ Obra de Homero Homem publicada em 1969 e lançada na Série Vaga-Lume em 1989.

a obra que tivessem mais interesse, com o intuito de que gostariam de ler uma obra que eles mesmo tivessem escolhido, sem ser uma imposição da professora ou das pesquisadoras.

Os livros ficaram sob a responsabilidade dos alunos durante o feriado de carnaval do mês de março para a leitura. Os alunos tiveram dezoito dias para lerem as obras, depois de feita a leitura, os alunos responderam a um questionário: - Qual o livro da série Vaga-Lume que você leu? E de qual autor? - Você já leu outro livro da Série Vaga-Lume? - Você indicaria a leitura de uma obra da Série para outro colega? - Você achou a leitura agradável? Encontrou dificuldades com a linguagem do texto? - Faça um resumo do livro que você leu. - Qual ou quais personagens foram suas personagens preferidas? Explique o motivo. - As ilustrações ajudam a compreender a história? - Qual a parte da obra você achou mais interessante? - O que você mudaria na história?

1.4 Resultados dos questionários aplicados

Nos trinta questionários analisados, pudemos notar que os alunos gostam de ler. Mas o gosto literário dos alunos da rede de ensino pública ainda está inserido no gosto de narrativas que tenham ação, romance, aventuras e, principalmente, apresentam uma linguagem próxima da oralidade, fácil e compreensível. Tendo em vista os questionários, observamos que a maioria dos alunos achou a linguagem das obras compreensível. Com a pergunta, “você encontrou dificuldades com a linguagem do texto?” Dentre as respostas dos alunos destacamos algumas: “não achei nem uma dificuldade”; não encontrei dificuldade; “porque a linguagem é clara”; “nem uma dificuldade com a linguagem”.

Pode também ser percebido que um número restrito de alunos encontrou dificuldade com a linguagem, na mesma pergunta, “você encontrou dificuldades com a linguagem do texto?”, alguns responderam: “um pouquinho”; “sim”; “um pouco”; mas foi um número bem pequeno e mesmo assim não justificaram em que consistiria a dificuldade, o que nos leva a crer que a maior parte dos alunos achou a linguagem acessível, o que vai ao encontro da intenção da coleção de priorizar a fruição na leitura.

Tendo em vista que as ilustrações dos livros destinados ao público jovem apresentam relevância para a compreensão da história, a Série Vaga-Lume assume essa característica, na questão número seis do questionário aplicado, “- As ilustrações ajudam a compreender a história?”, apenas três alunos consideraram que a ilustração não ocupa um

papel relevante na obra. Esses alunos responderam na pergunta de número seis da seguinte forma: “não gostei das ilustrações, mas acho que dá para ter uma ideia”. Na resposta da aluna podemos constatar que as ilustrações deixam a desejar, visto que para alguns alunos não ajudam na compreensão da obra. Outro aluno respondeu: “o livro que eu li não tem muitas ilustrações, mas as que têm ajudam a compreender sim”; outro responde, “um pouco”.

Os outros vinte e sete alunos consideram que a ilustração ocupa papel relevante na compreensão das obras e observamos também que muitas respostas explicam o que pode ser visto nas ilustrações. Diante dessas afirmativas, constatamos que se tratando de obras que são destinadas para esse público específico, a ilustração desempenha um papel importante. Com elas os jovens leitores conseguem enxergar melhor as situações vividas pelos personagens na Série da editora Ática 1972. Esse dado reflete a falta de hábito de leitura literária, o que leva os jovens a precisar das ilustrações para ajudar na compreensão da história e para imaginar o enredo.

Percebemos que cinco alunos não leram os livros escolhidos. Porque as principais perguntas do questionário eles não haviam respondido, isso se confirma com a pergunta, - faça um resumo do livro que você leu, nesta pergunta o aluno respondeu: “conta a história de uns garotos que vivem uma grande aventura em uma jangada”. Nesta resposta o aluno vincula a ilustração da capa para esta resposta genérica. Mas a questão da aceitabilidade das obras foi significativa, quase todos fizeram a leitura, mesmo tendo três que não leram, foi significativa a participação da maioria dos alunos.

Outro ponto que deve ser destacado, é que os alunos ficaram presos ao enredo da história, e não observaram a construção formal das narrativas, deixando claro que não há o hábito na escola de trabalhar de forma mais sistemática com a obra literária. Os alunos que responderam o questionário contaram apenas a sequência da ação.

Quase todos os alunos gostaram do final das narrativas, mas observando a questão dos desfechos um aluno, ao ler a resposta, o que mudaria na história, respondeu: “o final, acrescentaria mais coisas, pois o final ficou muitas coisas sem falar, como o filho do Bio e o final de Toninho com Aline”. Este aluno em especial observou a ausência de coerência na obra *O Grito do Hip Hop*, Luiz Puntel, e observou pontos importantes que deveriam ter sido esclarecidos pelo autor na obra. No entanto, foi o único que observou os problemas estruturais das obras, a maior parte não se ateu às questões formais, ou à falta de coerência e

verossimilhança que há em várias narrativas. Eles fizeram uma leitura mais superficial, centrados nas aventuras.

Em relação ao gosto pelas narrativas, observamos que os alunos gostam das personagens que lembram coisas que fazem ou fizeram parte de suas vidas. E assim é possível ao aluno se imaginar na obra e, ao mesmo tempo, não separam seu universo do universo ficcional. Observamos também que as obras não rompem com o tipo de narrativa que agrada aos jovens, como elementos que os façam lembrar alguma situação, já conhecida por eles. Porque essas obras reproduzem o que os jovens leitores desejam encontrar e reiteram os preceitos morais - sinônimo de literatura juvenil até a década de 70.

Importante ressaltar ainda que o público infantil e infanto-juvenil não possui um conhecimento de narrativas que rompam com esse padrão da questão de se passar a moral, e diante dessa situação os jovens leitores não observam a questão e nem questionam sobre o teor didático presente nas narrativas da Série Vaga-Lume.

Considerações finais

Nesse sentido, é necessário que a escola adote obras como as da Série Vaga-Lume em sala de aula, visto que elas conseguem agradar ao jovem leitor. No entanto, é necessário também que sejam adotadas obras diversificadas, com graus diferentes de complexidade, para que o gosto pela literatura dos alunos não fique restrito a um padrão simplificado e que não apresenta desafios para a compreensão da leitura. Ou seja, é necessário romper com a postura de passividade em relação à leitura literária e desenvolver o gosto também por narrativas que cobrem uma participação ativa do leitor para construir seu significado.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, A. *A educação pela noite e outros ensaios*. 3.ed. São Paulo: Ática, 2003.
- FERREIRA, A. DE. S. N. *Literatura Infanto-Juvenil: arte ou pedagogia da moral?* São Paulo: Cortez, 1983
- JAUSS, H. R. *A estética da recepção: colocações gerais*. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *A literatura e o leitor*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- KHÉDE, S. S. *Personagens da Literatura Infanto-Juvenil*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1990.

MOTT, O. de B. *E agora*, 7 ed. ? São Paulo: Brasiliense, 1980.

PENTEADO, H. M. *Cinderela*. São Paulo: Ática, 1999.

ZANCHETTA, J. Leitura de narrativas juvenis na escola. In: SOUZA, Renata Junqueira de. *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004.

ZILBERMAN, R. *A Literatura Infantil na Escola*. 11 ed. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, R; LAJOLO, M. *Literatura Infantil Brasileira História e Histórias*. São Paulo: Ática, 1988.